

## SOBRE O LUGAR DO PENSAMENTO NA TEORIA CHOMSKIANA: UM MISTÉRIO?

Cristine Gorski SEVERO  
Universidade Federal de Santa Catarina  
crisgorski@hotmail.com

**RESUMO:** Objetiva-se rastrear o lugar conferido ao pensamento na teoria de Chomsky. Para tanto, são analisadas as seguintes noções presentes na teoria chomskiana: sobre a linguagem, o inatismo, o significado, a relação mente/corpo e as idéias newtonianas defendidas pelo lingüista. Acredita-se que apesar de Chomsky pautar sua perspectiva de mente em uma visão materialista, não há (ainda) uma teoria biológica de corpo (cérebro) com a qual a teoria cognitiva de Chomsky se vincule. Conclui-se que a teoria mentalista de Chomsky não possui um correlato material (teoria biológica) sobre a qual se basear; com isso, o lugar do pensamento é, em parte, um mistério.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Chomsky; pensamento; inatismo; mente; cérebro*

**ABSTRACT:** The aim of this article is to identify the locus given to the thought in Chomsky's theory. For doing so, the following notions are analysed: the language, the innatism, the meaning, the relation between mind and body and also Newton's ideas that are considered by Chomsky. It is believed that although Chomsky bases his perspective of mind on a materialistic view, there is (still) not a biological theory of body (brain) to which Chomsky's cognitive theory of mind is associated. It is concluded that Chomsky's mentalist theory does not have a material correlate (biological theory) on which to base; because of it, the locus of thought is, in part, a mystery.

**KEYWORDS:** *Chomsky; thought; innatism; mind; brain*

### INTRODUÇÃO

É difícil falar sobre uma *teoria* do pensamento em Chomsky, simplesmente porque ela inexistente. O lingüista trata da linguagem e, na delimitação do objeto, inclui considerações acerca do pensamento, visto que sua abordagem é inatista e mentalista. Assim, a discussão acerca do pensamento na teoria de Noam Chomsky nos remete a outras questões, tais como: (i) *O que é a linguagem para Chomsky?*; (ii) *Como se dá a relação linguagem e pensamento?*; (iii) *Como se dá a relação mente e corpo?* Para responder a essas questões, teço considerações, basicamente, acerca dos seguintes aspectos: 1. a noção gerativista de linguagem; 2. o inatismo na teoria chomskiana; 3. o lugar do significado – interfaces som e sentido (e a relação entre ambas); 4. a relação entre mente e corpo na teoria gerativista; 5. algumas considerações sobre as reflexões de Chomsky acerca da física newtoniana. Finalmente, a questão sobre o pensamento é recolocada e contextualizada dentro de um enfoque sobre mente/corpo, evidenciando-se que, embora Chomsky veja a linguagem como um fenômeno biológico, não há teorias biológicas que sustentem a idealização chomskiana sobre o pensamento, a mente e a linguagem. Ressalta-se que não se trata, para Chomsky, de reduzir a sua teoria mentalista a um materialismo biológico, mas sim de se buscar uma unificação entre os estudos da linguagem e as pesquisas das ciências naturais.

## CHOMSKY E A LINGUAGEM

A teoria gerativa de Chomsky oferece uma perspectiva para o estudo da linguagem<sup>1</sup>, que não behaviorista ou empírica. A importância atribuída a uma abordagem que abrangesse os mecanismos internos, como o pensamento, ofereceu uma nova visão, oriunda da chamada revolução cognitiva<sup>2</sup> ocorrida nos anos 50. E esse olhar visa ler o comportamento e seus produtos como “dados que fornecem evidência sobre os mecanismos internos da mente e sobre as maneiras com que esses mecanismos operam na execução de ações e na interpretação de experiências”<sup>3</sup> (CHOMSKY, 1997, p. 4). Trata-se, então, de uma abordagem “mentalista”, que não opera apenas no nível abstrato (mental), mas visa o estudo da mente na sua integração eventual com as ciências biológicas, uma vez que Chomsky propõe um estudo da linguagem como “fenômeno biológico”.

De acordo com o autor, o conhecimento de uma língua requer a noção de gramática universal<sup>4</sup>, que engloba a relação linguagem e pensamento ao visar princípios (sistemas de regras) que tornam possível a língua humana e que dizem respeito às faculdades intelectuais do homem. Dessa forma, a lingüística, segundo Chomsky (1971), pode ser vista como um subcampo da psicologia, pois aborda aspectos do pensamento.

Para o lingüista, a faculdade da linguagem pode ser considerada como um órgão da linguagem<sup>5</sup>, entendido a partir de como os cientistas consideram, por exemplo, o sistema circulatório, visual etc... como partes do corpo. Um órgão faz parte de todo o sistema do organismo e está diretamente implicado no seu funcionamento. Com isso, é possível afirmar que “o órgão da linguagem é como outros órgãos no sentido de que seu caráter fundamental é uma expressão dos gens” (CHOMSKY, 1997, p. 51). A linguagem, portanto, possui um caráter *inato* representado pelo aspecto genético e determinante do “estado inicial” (*initial state*), que em conjunto com a experiência cria condições para a aquisição da linguagem. Interessa a Chomsky, em relação à linguagem, o seu estado inicial e o estado que ela assume, via processo de aquisição.

## SOBRE O INATISMO

A idéia do inatismo fica mais evidente na concepção chomskiana de gramática universal (GU), que é aquilo que caracteriza a existência do homem como parte da natureza, uma vez que diz respeito a “princípios naturais”. A analogia que o lingüista comumente estabelece é: assim como todos os seres humanos possuem um sistema visual, passível de ser estudado, da mesma forma ocorre com a linguagem, enquanto um sistema. Tal sistema possui um estado inicial, uma propriedade da espécie, que é o objeto da teoria da GU. O estado inicial é compartilhado por todos os falantes, de todas as línguas, e deve permitir que qualquer língua seja passível de ser adquirida.

A aprendizagem da língua se dá de forma semelhante ao crescimento dos órgãos: simplesmente acontece. E, apesar da importância do meio para a aquisição da linguagem, “o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial” (CHOMSKY, 1998, p. 23). Assim, há propriedades inatas, essenciais, que são comuns a todos os homens e que são anteriores e necessárias à aquisição de qualquer língua.

---

1 Para Chomsky, o que difere os animais dos seres humanos é a utilização, por estes, da linguagem de forma criativa, ou melhor, a mente das pessoas possui propriedades específicas e uma delas é o aspecto criativo do uso da linguagem, o que implica uma “habilidade para fazer uso de signos lingüísticos para expressar pensamentos formados livremente” (CHOMSKY, 1997, p. 49).

2 O marco de reflexões (cognitivas) na ciência da linguagem pode ser remetido a von Humboldt (cf. CHOMSKY, 1997). Sobre a revolução cognitiva de 1950 a 1960, Chomsky pode ser considerado um dos principais atuantes, segundo Neil Smith (CHOMSKY, 2000).

3 As traduções no decorrer do texto são de minha responsabilidade.

4 Lightfoot (1999) define gramáticas como “individual entities which exist in people and do not define languages as such. They exist in the minds of individual speakers, just as livers and brains exist in individual bodies” (p. 78).

5 Segundo Lightfoot (1999, p. 53), é possível ter um relance acerca da natureza do órgão da linguagem ao se levar em conta os seguintes fenômenos: “the developmental stages that young people go through, the way languages break down in the event of brain damage, the manner in which people analyse incoming speech signals, and more. At the center is the biological notion of a language organ, a grammar”.

Nesse ponto, pode-se colocar uma questão acerca das variações da linguagem: até que ponto elas possuem uma origem comum? Para dar conta de duas realidades – uma língua universal e as diversas línguas particulares –, Chomsky propõe que uma teoria da linguagem deve satisfazer a duas condições: a de adequação descritiva, para a língua particular, e a de adequação explicativa, para a gramática universal. O autor deixa evidente o fato de que as diversas línguas particulares são derivações de um estado inicial, cujo funcionamento se visa explicar; para tanto, é necessário supor que “a estrutura da língua seja, em grande parte, invariante” (op. cit., p. 24) e que possui propriedades gerais passíveis de serem encontradas.

No que diz respeito a um método empírico de pesquisa sobre o estado inicial, as questões postas são as seguintes: “Como os genes determinam o estado inicial e quais são os mecanismos cerebrais envolvidos nos estados que o órgão da linguagem assume?” (op. cit., p. 20). Vale lembrar que os estados iniciais são descritos em termos de propriedades que os mecanismos do cérebro devem satisfazer. É nesse aspecto que recai a questão do inatismo.

## **SOBRE O SIGNIFICADO**

Postas as noções de linguagem e de inatismo, o próximo passo é refletir sobre o lugar do significado na teoria chomskiana. Para isso, me remeto à abordagem de Chomsky sobre o *programa minimalista*, que submete a reflexões profundas o pressuposto de que a linguagem possui som e significado. A hipótese é de que a faculdade da linguagem faz uso de outros sistemas da mente/cérebro em dois níveis de interface, uma voltada para o som e a outra para o significado: “uma dada expressão gerada pela língua contém uma representação fonética, que é legível para os sistemas sensorio-motores, e uma representação semântica, que é legível para o sistema conceitual e outros sistemas do pensamento e da ação” (CHOMSKY, 1998, p. 45-46).

A linguagem envolve três aspectos: (i) os “traços” (*features*), que são as propriedades do som e do significado; (ii) os itens lexicais, que são agrupados a partir dessas propriedades; (iii) as expressões complexas construídas a partir dessas unidades “atômicas”. As expressões são geradas pelo sistema computacional, que possui duas funções: reunir os traços com os itens lexicais e formar objetos sintáticos maiores, iniciando com os itens lexicais (CHOMSKY, 2000).

Para o autor, a faculdade da linguagem está atrelada ao órgão da linguagem, e esse não ocupa um espaço demarcado dentro do cérebro, mas está associado a um sistema lingüístico que interage com outros sistemas, sendo o órgão da linguagem “parte do aparato mental que está produzindo expressões de uma língua” (CHOMSKY, 1997, p. 83). A primeira pergunta que se coloca é: *onde o pensamento se localiza, considerando que “utilizamos a linguagem para comunicar nossos pensamentos”?* Por exemplo, fisicamente é possível localizar os órgãos e os sistemas orgânicos no corpo; mesmo a linguagem ocupa certos espaços no cérebro que são acionados quando, por exemplo, a pessoa está se comunicando. Pois bem, o pensamento é exteriorizado através do aparelho sensorio-motor articulatório (CHOMSKY, 1997) e ainda, segundo o lingüista, *o pensamento está associado à capacidade de atribuir sentido às coisas, que diz respeito à semântica*. Então, pode-se continuar a indagar: *onde se localiza a semântica, na interface ou no léxico?* Segundo Chomsky (1997), a semântica se localiza na interface – assim, pensamento e expressão se associam.

Chomsky (1997) afirma que existe uma semântica no léxico no que diz respeito a traços/elementos/propriedades que serão interpretados na interface e não no léxico. O mesmo se aplica ao sistema de sons. Para o lingüista, “cada traço ou é interpretado na interface semântica ou é acessível ao componente da gramática que dá forma fonética a um objeto sintático, o componente fonológico, que pode fazer uso (e algumas vezes faz) dos traços em questão para determinar a representação fonética” (1997, p. 62). E dentre essas duas interfaces, uma delas parece ser mais “interior” (semântica) e outra mais “exterior” (fonética):

tudo que se denomina semântica é sintaxe. Tem a ver com alguma coisa que está se passando dentro da sua cabeça. Com representações internas que são objetos simbólicos e como interagem e assim por diante. Você tem a fonética propriamente dita quando você passa a olhar o que está do lado de fora da cabeça (CHOMSKY, 1997, p. 73).

Posto isso, a terceira questão é: *onde se localiza a interface?* Segundo Chomsky, do lado do som, é preciso levar adiante pesquisas sobre em que medida os sistemas sensorio-motores são específicos da linguagem; do lado do significado, as pesquisas devem considerar a relação entre a faculdade da linguagem e outros sistemas cognitivos, sendo que “do lado do significado, as questões são muito mais obscuras” (CHOMSKY, 1998, p. 46). Contudo, a natureza do tipo de interface do significado pode ser conjecturada a partir dos estudos da semântica, que demonstram o uso das expressões em circunstâncias específicas.

## **SOBRE A RELAÇÃO MENTE/CORPO**

Para tentar rastrear a possível localização das interfaces na perspectiva gerativista, é importante tecer algumas considerações sobre a relação mente/corpo a partir das formulações de Chomsky.

Uma perspectiva da teoria gerativista é a de “Princípios-e-Parâmetros”, que considera o estado inicial da faculdade de linguagem como uma rede de relações fixa (princípios) conectada a um painel, passível de ser controlado de modos diferentes (parâmetros). Cada língua pode ter uma certa configuração fornecida pelo controle, que são as regras de cada língua. Assim, “as condições empíricas de aquisição da língua exigem que os controles possam ser fixados com base na informação muito limitada de que a criança dispõe” (CHOMSKY, 1998, p. 25). Essa abordagem pauta-se numa concepção de língua cujo funcionamento é “perfeito” e cujas regras existem em um nível “inconsciente”.

Uma das críticas à abordagem exposta acima é feita pelo filósofo John Searle (1997), que considera incoerente a existência de um nível inconsciente onde se localizariam as regras da gramática universal. Tais regras, segundo Searle, existem no mesmo nível das regras da “gramática visual universal”: não há um nível mental (inconsciente), “há simplesmente um mecanismo de *hardware* que funciona de uma determinada forma e não de outras” (SEARLE, 1997, p. 351).

Sobre o mecanismo de *hardware*, questiona-se em qual teoria do corpo/da realidade se ancora a concepção chomskiana de linguagem, uma vez que diz respeito a um estudo abstrato da mesma. Além disso, o estudo chomskiano e abstrato da linguagem se insere, considerando a dicotomia mente/corpo, no lado mental, daí a questão: *de que maneira incorporar na teoria mental o caráter materialista da teoria? Ou ainda: de que maneira incluir na perspectiva biológica da linguagem o caráter mental/abstrato da linguagem?*

Trata-se, para o lingüista, de uma abordagem mentalista – princípios mentais – , pautada em uma estrutura orgânica que ainda está por ser descoberta. Chomsky apóia sua argumentação no exemplo dos estudos da química, que durante anos basearam-se em princípios não fundamentados pela física, sendo que a unificação entre os dois campos só foi possível após as descobertas da física moderna. Enfim, Chomsky aposta no futuro, nas descobertas que a biologia poderá fazer sobre o corpo ( e o cérebro) de forma que sua teoria mentalista se apóie, um dia, em uma teoria material (do corpo). Então, a derradeira pergunta: *onde se localiza a faculdade inata da linguagem?* Em um corpo que está por ser descoberto. Trata-se, ainda, de um mistério...

## **O MISTÉRIO DO CORPO E A CIÊNCIA NEWTONIANA**

Para “justificar” o mistério da relação corpo/mente, o lingüista se remete às descobertas newtonianas, na física clássica. É possível perceber, diversas vezes, aproximações que Chomsky faz da lingüística a outras áreas do conhecimento – como a biologia<sup>6</sup>, a química<sup>7</sup> e a própria física –, uma vez que o estudo da linguagem, para ele, opera segundo um modelo científico, característico das áreas citadas.

6 Segundo Chomsky (1997, p. 154): “o estudo da visão é o que está acontecendo no meu cérebro, e eu sei muito pouco sobre isso. Esse é um tema para os cientistas descobrirem. O estudo da linguagem também é assim”.

7 Na fala do lingüista (1997, p. 147): “as origens da química moderna e as origens da lingüística moderna são mais ou menos paralelas; têm caráter semelhante. A química é o estudo de como as formas complexas são construídas a partir de partes simples, e isso assemelha-se ao que ocorre na linguagem”.

O interesse de Chomsky pela física, por exemplo, não implica que a lingüística e a física se assemelham, mas sim que “alguns aspectos da lingüística estão se movendo nessa direção” (1997, p. 154), visto que

apenas recentemente é que a química e a física se unificaram, após a revolução do quantum na física. Enquanto isso, a lingüística e a lógica seguiram o seu próprio rumo (...), embora agora estejam começando a aparecer os tipos de ligações que talvez levem à unificação, como aconteceu recentemente na química (1997, p. 148).

*E qual a atração de Chomsky pela física clássica, mais especificamente, por Newton?* É importante salientar que durante bastante tempo o lingüista concentrou sua atenção em Descartes e na dicotomia mente/corpo, especialmente no aspecto criativo do uso da linguagem<sup>8</sup> como aquilo que caracteriza a espécie humana. Essa nova paixão do lingüista por Newton, deixando de lado seu interesse intelectual por Descartes, é tratada por Lopes da Silva (2000). Segundo o autor, esse interesse não se restringe a uma tentativa de legitimar cientificamente a psicologia racionalista, mas sim, e sobretudo, trata-se de uma tentativa do lingüista de “expandir, talvez para sempre, os limites da noção de corpo” (p. 92). Ou seja, trata-se muito mais de uma estratégia do lingüista de se libertar da mente metafísica – visão cartesiana – e de tentar encontrar um substrato empírico ou, pelo menos, capaz de ser abarcado por uma ciência pura.

*E devido a que aspecto em Newton, Chomsky pôde se libertar da metafísica cartesiana?*<sup>9</sup> Devido à descoberta do físico acerca do fenômeno de “atração à distância” que ocorre entre os corpos, uma propriedade oculta e mística, uma vez que não explicável empiricamente. Um desinteresse em relação a Descartes se dá justamente por esse aspecto, visto que “o problema mente/corpo desapareceu, e com ele os testes cartesianos, pois não existe nenhum corpo. Não há nada físico, no sentido antigo; há apenas o mundo em todos os seus aspectos, incluindo os aspectos mentais, elétricos, químicos e assim por diante” (CHOMSKY, 1997, p. 145). Porém, a ruptura com Descartes não se deu por completo, já que “o aspecto criativo da linguagem parece ser um fato, uma das propriedades estranhas do mundo, como a atração à distância, ou a repulsão elétrica, ou outras propriedades mais estranhas que foram descobertas desde então” (op. cit., p. 145).

O aspecto criativo da linguagem é o que diferencia o homem dos animais e das máquinas, em termos de, por exemplo, possuir uma mente. Esse aspecto está conectado ao que Chomsky chama de problema de Descartes, que diz respeito àquilo que falamos e ao motivo pelo qual falamos certas coisas. Nos termos de Chomsky (1997, p. 5): “Na fala habitual, as pessoas não somente repetem o que escutam, mas produzem novas formas lingüísticas – geralmente novas para a experiência de alguém ou mesmo para a história da linguagem – e não há limites para tal inovação”. Assim, o uso da língua é livre e apropriado a cada situação, podendo variar de infinitas maneiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe reflexões sobre o lugar do pensamento na teoria chomskiana, permeadas de descrições e considerações sobre as noções de linguagem, significado, inatismo e da relação mente/corpo na teoria gerativista.

A questão central que norteou o trabalho e que se recoloca é: *qual o lugar do pensamento na teoria chomskiana?* A linguagem é entendida como um fenômeno biológico, passível de ser estudada por métodos científicos; mas e o pensamento? Chomsky admite que “não entendemos quase nada sobre o pensamento humano” (1997, p. 156). Essa afirmação,

8 O aspecto criativo da linguagem é o que, prioritariamente, permite diferenciar os seres humanos dos animais e das máquinas, uma vez que, diferentemente dos dois anteriores, “o ser humano é capaz de inovar, de combinar as palavras de uma forma nova e, principalmente, de forma adequada a situações novas. A linguagem é livre de condicionamentos” (SELL, 2002, p. 08).

9 O fato de Chomsky não estar interessado em uma metafísica não significa um desinteresse pela questão da mente, mas sim uma tentativa de apreendê-la de uma maneira materialista.

contudo, não invalida que algum tipo de conhecimento possa ser extraído a respeito do pensamento na teoria chomskiana.

Talvez possamos utilizar algumas “pistas” para tentar (re)construir o pensamento de Chomsky. Por exemplo: por que não pensar newtonianamente ao considerar o pensamento como uma “força” oculta que atua no fenômeno da linguagem, porém não à distância, mas na sua proximidade com ela? Tal possibilidade não parece estranha, uma vez que, na fala de Chomsky (1997), “nós apenas descobrimos coisas que parecem explicar o mundo, não importa o quão absurdas elas soem” (p. 144).

Na tentativa de encontrar um substrato material para a mente – sem perder um enfoque mentalista – a lingüística chomskiana esbarra com outros campos do conhecimento, mais especificamente as ciências do cérebro e, nesse caso, o papel do lingüista (gerativista) é fornecer questões para que aqueles cientistas possam “começar a explorar os mecanismos físicos que exibem as propriedades reveladas na teoria lingüísticas abstrata” (1997, p. 6). A ciência do cérebro, segundo Chomsky, ainda não é capaz de fornecer dados concretos acerca dessa questão, todavia, parece haver uma tendência em incorporar na ciência física essas questões, bem como os campos onde elas surgem: “o mentalismo contemporâneo, tão conhecido, é um passo em direção à assimilação da psicologia e da lingüística pela ciência física” (CHOMSKY, 1997, p. 8). E, talvez, o que se pretenda com isso seja justamente romper a dicotomia cartesiana de mente e corpo, exorcizando o “fantasma da máquina”<sup>10</sup>.

Contudo, vale lembrar que não se trata, em Chomsky, de um reducionismo – reduzir a linguagem ao fisiológico ou ao físico (removendo a explicação metafísica para a mente e o pensamento). Trata-se, sim, de uma proposta de unificação, viável mediante uma perspectiva naturalista, ou seja, unificação dos estudos sobre linguagem e pensamento às ciências naturais. Segundo Chomsky, as teorias naturalistas atribuem à mente/cérebro “propriedades computacionais de um tipo que são bem entendidas, apesar de pouco ser conhecido para explicar como uma estrutura construída de células pode ter tais propriedades” (2000, p. 107). O desafio lançado sobre a unificação não reside em reduzir tudo à matéria, mas em mudar a compreensão de matéria: “nós temos que pensar em um sistema biológico organizado e complexo com propriedades que a doutrina tradicional teria chamado de mental e físico” (JOHN YOLTON *apud* CHOMSKY, 2000, p. 113).

Resumindo, tanto as noções de linguagem quanto de pensamento estão ancoradas em uma teoria mentalista; desta maneira, a significação – e o pensamento – está na mente, mais especificamente, na interface relacionada ao sentido, embora, para o lingüista, os estudos sobre a significação e a noção de pensamento ainda sejam “obscuros”. Entretanto, Chomsky não abre mão de um substrato materialista para dar conta do seu objeto, o que se evidencia quando o lingüista compara o sistema da faculdade da linguagem ao sistema visual: trata-se de um órgão. A questão, então, que novamente se coloca é: *onde está a mente na teoria gerativista?* Pois bem, a teoria gerativa carece de um substrato físico real, o que, em outras palavras, significa que a noção de corpo na teoria é uma construção teórica; trata-se de um corpo que ainda está para ser descoberto. Para justificar esta carência, Chomsky compara suas pesquisas com a química, ao afirmar que durante muito tempo os trabalhos nesta área não tiveram como base as descobertas da física fundamental e que apenas nos anos 30 (séc. XIX) a unificação entre os dois campos foi possível. De forma semelhante, o lingüista aposta numa possível unificação com as ciências naturais.

---

10 Sobre uma teoria unificada – mente/cérebro –, segundo Henri Atlan, não é possível considerar uma metateoria que contemple o materialismo – redução do cognitivo ao biológico – e o neovitalismo – redução do biológico ao cognitivo. Para ele, a busca por uma unidade pode servir como uma cilada, visto que “ignora sem maiores questionamentos as especificidades irredutíveis entre diferentes níveis de organização, e que confunde a identidade de modelos formais com a de processos que obedecem a outras regras, de acordo com os substratos concretos com que lidam” (em PESSIS-PASTERNAK, 1993, 78).

Contudo, na fala de Neil Smith (CHOMSKY, 2000, p. viii), “... common notions of reduction in science are inappropriate. We obviously want to integrate our theories of the mental - including in particular linguistics – with our theories of the brain and any other relevant domain. However, despite the example of the reduction of biology to chemistry brought about by the revolution in molecular biology, unification does not have to take the form of reduction... theories in linguistics are as rich and make as specific predictions across a wide domain as do theories of chemistry or biology. Trying to reduce linguistics to neurology in the current state of our understanding is then unlikely to be productive.”

## REFERÊNCIAS

ATLAN, H. Teórico da Auto-organização. In: PESSIS-POSTERNAK, G. (Org.). **Do Caos à Inteligência Artificial**: quando os cientistas se interrogam. SP: Unesp, 1993.

CHOMSKY, N. **Linguagem e Pensamento**. Petrópolis: Vozes Limitadas, 1971.

\_\_\_\_\_. Chomsky no Brasil. **Revista D.E.L.T.A**, São Paulo, vol. 13, p. 12-29, 1997.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e Mente** (trad. Lúcia Lobato). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Noam Chomsky**: New Horizons in the Study of Language and Mind. Cambridge, University Press, 2000.

LIGHTFOOT, D. **The Development of Language**. Oxford: Blackwell, 1999.

LOPES da SILVA, F. De Descartes a Newton: para uma história do pensamento chomskiano. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 2, 2000, p. 73-96.

SELL, S. **Quão cartesiana é a Lingüística Chomskyana?** Florianópolis, 2002. 91p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SEARLE, J. R. **A Redescoberta da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

---